

renascer
andrea ferreira



**SAÍDA DE
EMERGÊNCIA**
livros para fugir da rotina

*Para todas as mulheres que se sentem sozinhas,
mesmo acompanhadas.
Há ausência na presença.*

1.º Capítulo



A porta do prédio bateu com força e sobressaltou-a. Carregada com os sacos da mercearia e empreendendo todo o esforço no corpo, a mente vinha alheia. O estrondo ecoou pelo corredor impessoal, de portas brancas sempre fechadas.

Luz não gostava de viver num apartamento, mas, infelizmente, a vida ainda não lhe tinha proporcionado a oportunidade de deixar de chamar lar a um bloco de cimento. Contudo, e apesar de viver ali há treze anos, sem que se previsse uma mudança para breve, ainda acalentava a esperança de vir a habitar numa moradia, numa casa com um jardim para cuidar, com um baioço e um escorrega para Diogo passar as tardes de sábado longe da televisão e do *tablet*. Aí, poderia estacionar o carro na sua própria rampa, perto de uma cozinha que daria para as traseiras. Não teria de arrastar as compras até ao elevador, pousá-las e voltar a erguê-las, uma e outra vez. Era uma tarefa que a levava a gemer de dores nas costas todas as noites, quando se deitava.

O marido conhecia esse sonho e assegurava-lhe que, um dia, iriam concretizá-lo juntos.

Suspirou. Estava a voltar a precipitar-se de encontro a uma das suas frustrações, até que a imagem do filho lhe chegou à mente. Era sempre ele que lhe preenchia as ideias, o protagonista dos seus pensamentos. “*Cheira à nossa casa, mamã!*”, diria Diogo se ali estivesse, enquanto inspiraria com vontade o odor fresco da entrada do prédio.

Pensar no filho despertou-a da apatia, apercebendo-se das horas. Demorou mais tempo do que tinha previsto no hipermercado. Não tardaria a ter de ir buscar Diogo à casa de Madalena.

Levantou os sacos e arrastou-se — a si e aos sacos — até ao elevador. Parou um momento e deu por si a sorrir antes de pressionar o botão. Recordava o tempo em que Diogo a atropelava para chegar primeiro à porta, para ser ele a fazê-lo, na sua postura de “*O Diogo sabe!*” Quantos anos tinham passado desde que o filho deixara de falar de si mesmo na terceira pessoa?

O ascensor parou no quinto andar, e Luz carregou os sacos para a porta do apartamento. Enfiou a mão na bolsa para procurar as chaves e tirou-a de supetão, levando o dedo à boca para sugar o sangue da cutícula que tinha acabado de cortar num dos cantos da agenda.

Na esperança de obter alguma ajuda, tocou à campainha e aguardou. Voltou a tocar e ninguém atendeu. Deduziu que Chico ainda não teria chegado.

Memórias voltaram a emergir, e imaginou ouvir o som de pequenos pés a aproximarem-se.

— Quem é? — perguntaria uma voz fininha.

— É a mamã! — responderia com suavidade.

— Quem é? — repetiria o seu filho.

Suspiraria, cansada, e esforçar-se-ia por ignorar as articulações em sofrimento que lhe gritariam e exigiriam para responder à criança com alguma rudeza.

Como sentia falta dessa insistência inocente e verdadeiramente interessada...

Balanceou a cabeça. Não sabia de onde vinham, de repente, tantas recordações carregadas de nostalgia. Vinha sendo assim nos últimos dias. Dava por si a vaguear pelo passado e a ter de se concentrar para voltar a assentar na realidade. Despejou o conteúdo da bolsa no chão até encontrar as chaves de casa; abriu a porta.

Fitou o relógio da cozinha e percebeu que tinha cerca de uma hora até ter de sair para ir buscar Diogo. Ainda dava tempo para preparar alguma coisa para si e para Chico comerem.

Madalena tinha-os convidado para jantar nessa noite, mas Chico não fizera boa cara ao convite, pelo que Luz tinha declinado com gentileza. Diogo acabou por ir para lá, uma vez que tinha um trabalho da escola para fazer com Orlando, o filho de Madalena.

Encostou-se por um segundo, com as costas na bancada, atirando o pescoço para trás numa tentativa inútil de descomprimir a tensão que lhe percorria cada nervo e músculo tenso.

As mercearias escarneciam dela, ainda dentro dos sacos, aos seus pés, à espera de que Luz se vergasse e que as dispusesse nos devidos lugares.

Sentia-se esgotada, com o cansaço a pesar nos ombros e com uma vontade de dormir que a queria derrubar. Era como se a sua bateria interna estivesse viciada e desse sinal de querer desligar-se a cada tarefa que executava. Ainda assim, contrariava as queixas do corpo e realizava a sua rotina sem queixas.

Expirou com força e começou a arrumar, antes que os frescos e os congelados se estragassem. Fazia demasiado calor para o final de maio. Mas Braga era mesmo assim: quando o Sol iluminava a sua cidade, esta transformava-se numa estufa.

Atravessou o corredor e voltou para trás. Levava as chaves do carro na mão e passou direta pelo cesto da entrada, onde as devia ter deixado. A memória também vinha a sofrer alguns espasmos de idiotice, levando-a a ter comportamentos um tanto ridículos: procurar os óculos de sol com eles pousados na cabeça, atirar a cebola para o lixo e deitar as cascas na panela... O médico tinha explicado que podia dever-se a carência de algumas vitaminas e que teria de se alimentar melhor. Luz pensou para si mesma que até para comer bem era preciso ter tempo.

Ao pousar as chaves no cesto, notou que as de Chico já lá estavam. Dirigiu-se ao quarto que ficava em frente ao que partilhava com o marido e bateu à porta. Era o espaço pessoal dele, pelo que evitava invadi-lo sem aviso.

Aquele quarto era tão espaçoso quanto o do casal e possuía, assim como este, uma grande varanda. Fora esse o motivo que a tinha levado a mudar Diogo de quarto, quando este tinha três anos, e a mobilar o contíguo ao seu para o filho. A varanda assustava-a. Porém, havia dias em que se arrependia dessa decisão. O quarto da criança mostrava ser um cubículo demasiado escuro e apertado a cada dia que passava e à medida que Diogo crescia.

Chico apoderou-se daquele quarto alguns meses depois da mudança para montar um escritório, onde trabalhava muitas horas nos seus projetos enquanto arquiteto. Mobilou-o de acordo com os seus gostos, colocando uma imponente secretária com uma estante incorporada junto da parede, onde alinhou os livros técnicos que vinha a adquirir desde a licenciatura. Posteriormente, comprou uma televisão, uma *Playstation*, e também uma cadeira monstruosa que reclinava, tinha apoio para braços e um encosto adaptado para amparar a cabeça. Era onde o marido estava sentado quando abriu a porta.

— Chico — chamou, tentando focar o perfil do marido no escuro.

A única luz provinha da televisão. Chico tinha os *headphones* postos, pelo que não a ouviu. Aproximou-se e tocou-lhe no braço. O marido, um homem grande, saltou como um rato. Tirou os *headphones* e carregou num botão para os colocar em silêncio para os demais jogadores.

— Já estás em casa? — perguntou Chico. Os olhos dele brilhavam, como se parte dele não estivesse ainda ali com ela.

— Já há algum tempo. Não me ouviste? Toquei à campainha.

— Onde está a tua chave?

— Estava muito carregada com as compras e magoei-me — mostrou-lhe o dedo.

Chico já estava a olhar para o jogo. Os dedos tamborilavam no comando e Luz percebia-o ansioso. Talvez fosse por ela o ter interrompido a meio de uma *missão*. Ponderou se devia sair e deixar o marido retomar a sua aventura virtual, mas parte dela queria conversar.

— Se soubesse que estavas em casa tinha-te chamado para me ajudares a arrumar.

— Não me custava nada — disse ele, seguindo o que acontecia no ecrã.

Houve tempos em que chegava a casa com as mercearias e Chico descia até ao carro sem que ela precisasse de o chamar. Ele seguia-a com o que era mais pesado, levantando-o com imensa facilidade. Quando ele dava com ela a fitá-lo, elevava o saco mais acima numa demonstração de virilidade que a fazia revirar os olhos e sorrir. Uma benevolência sem reservas e um interesse legítimo que se escaparam com o tempo. Apesar de as memórias remontarem a um passado não muito longínquo, eram-no o suficiente para que se apresentassem enevoadas, como se pertencessem a uma outra vida.

— Alguém tem de ir buscar o Diogo à casa da Madalena — tentou, ciente de que ele estava desejoso para que ela saísse dali.

— Porque é que ele está lá? — resmungou Chico. — Qual foi a necessidade de ter ido para a casa da Madalena, se tanto eu como tu o poderíamos ter ido buscar hoje?

— Eles tinham um trabalho para a escola e o Gaspar ia ajudá-los. Já tínhamos falado sobre isto ontem. Ela até nos convidou para jantar — lembrou.

— O Gaspar não tem é mais nada para fazer — gozou Chico, abanando a cabeça.

— Não me parece que ajudar o filho e o amigo a fazer um trabalho tenha alguma coisa de mal — rematou ela.

— Eu disse isso?

— Não estou a dizer que disseste algo de mal. Estou a dizer que até acho bonito o Gaspar ajudar as crianças com os trabalhos da escola — corrigiu-se, querendo evitar uma discussão.

Chico pousou o comando e fitou a esposa.

— Até parece que ele está a fazer uma grande coisa! Ele já ia ajudar o Orlando a fazer o trabalho; juntar o Diogo à equação não faz diferença nenhuma.

Não argumentou. Limitou-se a olhar para Chico.

— Achas que eu não ajudava o Diogo a fazer a porcaria de um trabalho para a escola? Já o ajudei várias vezes, Luz. Não estás a ser justa.

Luz não tencionara provocar aquela reação no marido, mas não conseguiu deixar de contar — uma, duas no máximo — as vezes em que Chico ajudou Diogo com os trabalhos. E as memórias remetiam ambas à pré-pri-mária. Contudo, não lho lembrou porque isso não era importante. Como pai, Chico tinha outras qualidades que Gaspar não tinha. Podia ter-lhe dito isso, podia ter afagado o ego do marido, mas por algum motivo não foi capaz de o fazer.

— E também quem é que se lembra de marcar tantos trabalhos no segundo ano? Até parece que os pais não têm mais que fazer!

Levantou os braços em protesto, cansada daquelas queixas infrutíferas.

— Pronto, está bem! Deixa lá isso — apaziguou-o, esforçando-se por manter a voz calma, um ensinamento da sua mãe que se enraizara nela.

Tinha crescido a ouvir que as mulheres não deviam gritar sem necessidade. Contudo, perguntara-se várias vezes, ao longo da sua juventude, onde é que acabava a linha da não necessidade de não gritar da mãe, já que esta nunca o fazia — mesmo quando, em criança, tinha assistido a situações que acreditava que exigiam uma resposta à altura. Com a progenitora, Luz também aprendeu que não gritar e não se zangar eram duas coisas muito diferentes. Chico ainda não tinha entendido isso.

— Quem é que vai buscar o Diogo? — perguntou, quando viu que Chico ameaçava voltar a colocar os *headphones*.

— Não te importas de ir tu?

A luz do ecrã refletia-se nos olhos castanhos do marido, espelhando uma dança de cores.

Como ela não respondeu de imediato, acrescentou:

— Não me dá muito jeito, mas se tiver mesmo de ser... — Bufou com falsa resignação.

— OK. Eu vou lá — voluntariou-se.

— Obrigado, querida. Estou a meio de uma missão complicada e era mesmo chato para o pessoal se eu tivesse de sair agora. Tu percebes, não é?

Anuiu, mas não saberia dizer se Chico teria dado conta da sua resposta, sentindo-se invisível dada a falta de contacto visual durante aquela breve conversa.

— Vou fazer alguma coisa para jantar. Tens fome?

— Hum?

Luz rodou nos calcanhares e saiu do escritório, sem vontade de se repetir. Assumiria que ele tinha fome, era mais fácil assim do que estar a insistir por respostas que deviam ser dadas com naturalidade.

Colocou uma panela com massa ao lume. Temperou a carne picada e despejou-a no refogado. Dispunha de quarenta e cinco minutos para ir buscar o filho e a massa ainda ia demorar mais dez minutos a cozer. Contemplou a sua casa, a pensar em qual tarefa é que poderia despender esse tempo. Na roupa? No pó?

Em tempos, bastava a ausência de Diogo em casa para que Chico se precipitasse a abraçá-la de surpresa. Sentiria as mãos grandes e fortes do marido sobre os seus ombros, os dedos dele pressionariam os pontos sensíveis do seu pescoço. Ele conhecia-a mais do que ela a si mesma. A respiração dele despentear-lhe-ia o cabelo no topo da cabeça, motivado pela aceitação dela do seu toque, ansiaria por poder possuí-la. Depois diria algo cómico, com o sotaque brasileiro que nunca perdera na totalidade apesar de só ter vivido treze anos no Brasil. Diria algo como “vou-lhe usar”, e Luz riria com desejo, impondo a sua estatura média nas pontas dos pés para chegar à boca do homem de um metro e noventa e três que lhe roubara o coração há quase dezoito anos.

A panela assobiou, arrancando-a do seu devaneio. Serviu a massa e chamou por Chico. Sentou-se na mesa e aguardou.

Percebendo que o marido não viria juntar-se a ela para jantar, serviu o seu prato e guardou o resto no forno. Enrolou a massa no garfo e voltou a pousá-lo sem provar a comida. Perdera o apetite. De súbito, a boca soube-lhe ao arroz de pato que comera ao almoço. Era como se o estômago estivesse tão cheio que não coubesse mais nada, apesar de não ter lanchado durante a tarde. Pousou o prato na pia, sem sequer o limpar. A massa bolonhesa, que ela adorava desde os tempos de menina, transmitia-lhe uma sensação de asco.

Abriu a porta do escritório e chamou por Chico. Ele não respondeu. Aproximou-se e tocou-lhe no braço.

— Querido, vou sair. Vou buscar o Diogo — avisou.

Chico relanceou os olhos do ecrã, como que assustado, e perguntou se ela já tinha jantado.

— Não estou com fome. Deixei a panela no forno para não arrefecer.

— Obrigado, querida.

Luz debruçou-se para lhe dar um beijo, mas ele não reparou e o carinho esfumou-se no ar. Virou-se para sair do escritório, quando ele a puxou pelo braço.

— Não me vais dar um beijo? — Chico repenicou-lhe os lábios com pressa.

2.º Capítulo



— **S**ó vens tu? O Gaspar vai ficar tão desapontado...
Atravessou o alpendre da casa de Madalena. As escadas eram de pedra e à direita pendia um baloiço como se tivesse saído de um filme dos anos 20 do Sul dos Estados Unidos. No entanto, em vez de uma quinta no meio de nenhures, a sua amiga de infância morava perto da Basílica do Bom Jesus do Monte, um marco turístico situado numa zona que via a cidade de cima, a poucos quilómetros do centro.

— Entra — convidou Madalena. — Eles estão na garagem a acabar de recolher o lixo que o raio da professora mandou como trabalho de casa.

A sala ficava logo após a porta de entrada e o soalho de madeira envernizada estendia-se até um grande tapete de pelo negro. Um sofá *chaise longue* repousava virado para um grande ecrã plasma embutido num móvel de verniz, também preto, ladeado por estantes carregadas de livros de ambos os lados. Sempre achou cómica a mania das pessoas de decorarem as salas com livros. Sabia que nem Madalena nem Gaspar haviam lido um só livro na vida. Luz também não era grande leitora. E ter tempo para isso?

— O Gaspar estava todo empolgado, a pensar que ia poder mostrar o seu novo brinquedo ao Chico. — Madalena balançou a cabeça. — Vê lá tu que lhe deu para comprar um *Panamera!* A chegar aos quarenta anos, compra um carro daqueles!

Tanto Luz como Madalena sabiam que não havia nada de errado em comprar um carro de luxo, desde que o comprador tivesse dinheiro para ele, o que era o caso. Todavia, Madalena, que tinha jogado com ela ao pião e à macaca, chegando a casa cobertas de pó e terra, sentia-se melhor se desse

as notícias da exuberância do seu marido, e por vezes das suas, como se não concordasse com elas, como se ainda estivesse presa à modesta vida que as criara. Luz sorriu-lhe. Para ela, Madalena era transparente.

— Porque é que ele não veio? Primeiro, não aceitas o meu convite para jantar. Há quanto tempo não jantas aqui? Depois, apareces aqui sem ele. Ele está chateado connosco? É por causa disso que ele não quis vir?

— Não, não. Nada disso! — Sentou-se no sofá a pedido de Madalena. — Ele anda às voltas com um projeto. É só isso. Tem passado a maior parte do tempo enfiado naquele escritório.

Deu-se conta da meia-verdade presente nas suas palavras. Afugentou o pedido do seu cérebro para refletir acerca do motivo que a tinha levado a mentir descaradamente e com tanta facilidade, sobre a causa de Chico não ter vindo buscar o filho. Ainda assim, a resposta saltou-lhe à mente: vergonha.

— Menos mal! O raio do homem também não pode ser perfeito, não é? Já não lhe basta ter aquela cor e aquele tamanho. Tem de ter algum vício. — Riu-se como uma adolescente e tocou-lhe no cotovelo. — Enquanto for o trabalho, não há mal nenhum nisso. O Gaspar também passa a vida a trabalhar. Às vezes acho que nem tenho marido. Queres um café?

Não esperou que Luz respondesse e levantou-se em direção à sua grande cozinha.

Se fosse outra pessoa a fazer estes comentários sobre Chico, talvez ficasse com ciúmes. Mas era Madalena e, além de Chico não a suportar, os elogios mordazes aos pretendentes de Luz já remontavam à primária.

— Como eu estava a dizer, o Gaspar... — gritou da cozinha. O barulho da máquina de café expresso sobrepôs-se à voz dela. — ...duas a três vezes por semana tem de ficar até às tantas no escritório. Foi à conta de ter de andar pelas ruas até tão tarde que foi assaltado no mês passado. Lembras-te? — Trazia uma chávena em cada mão. — Se fosses outra pessoa, trazia-os com os pires. Mas és tu, não preciso de sujar louça à toa. — Deitou-lhe a língua de fora.

Lembrava-se de Gaspar aparecer com um olho negro e o nariz inchado. Segundo o marido de Madalena, um grupo de rapazes tinha-o encurralado num semáforo vermelho. Gaspar fora arrastado para fora do carro e tinham-lhe dado uma sova, enquanto lhe roubavam o veículo. O *BMW* apareceu no dia seguinte na estrada nacional Braga/Barcelos, encostado à berma e totalmente destruído. Chico afirmou que quem fizera aqueles estragos tinha usado um ferro ou um bastão de alumínio.

— O mais incrível é que o semáforo estava vermelho, mas não circulavam carros. Ele podia ter arrancado e fugido. Eu cá acho que foi um bocado idiota da parte dele ficar ali parado à espera que o roubassem.

— Foi surpreendido — desculpou-o Luz. — Ele não estava a contar...

Madalena encolheu os ombros. Sempre se sentira atraída por homens viris, grandes e desenrascados. Todos se tinham admirado quando aceitara o pedido de casamento de Gaspar, um homem de porte médio, sossegado, muito caseiro e com laivos de calvície desde os vinte e cinco anos.

— Espera, não bebas já o café — pediu a anfitriã, impedindo-a de levar a chávena aos lábios. — Deixa-me tirar uma foto para o Instagram.

— Quantos seguidores já tens? — perguntou, enquanto colocava a mão da forma como Madalena ordenava.

— A chegar aos cinquenta mil! — exclamou com um brilho nos olhos.

Popular desde os tempos do liceu e dona de um carisma invejável, não havia como não admirar a confiança de Madalena. Assim, quando se deu o *boom* das redes sociais, não se surpreendeu por a amiga não se deixar ficar na sombra. Ela assumiu de imediato o seu lugar enquanto *influencer* de *lifestyle* e de moda. Vivia obcecada com o número de seguidores, com os *likes*, e documentava a vida para a colocar *online*. Também recebia ofertas de produtos, enviados por marcas de roupa, cosméticos, e até para as crianças, além de que lhe pagavam para as publicitar.

Luz não encaixava naquele tipo de exposição, mas respeitava e incentivava, porque via o quanto aquilo era importante para ela.

— Pronto, já está! Vou escrever “*Quando recebemos a família, deixamos as formalidades no armário. Minha Luz!*” Gostas? Posso identificar-te?

Luz torceu o nariz e abanou a cabeça.

— És uma seca! — barafustou Madalena. — Eu não te identifico, não te preocupes.

— Eu deixo os holofotes todos para ti — respondeu, arrancando-lhe um sorriso com um piscar de olho cúmplice.

— Está feito! Pus um filtro “vívido quente”, para dar um ar mais aconchegante — explicou, pousando o telemóvel na mesa. — O Diogo comeu tudo ao jantar — informou, mudando de assunto. — Estiveram entretidos com o tal projeto desde que chegaram a casa, por volta das cinco e qualquer coisa. O Gaspar chegou às sete e meia e juntou-se a eles. Acabámos de jantar há pouco, por isso não precisas de lhe dar já a ceia. — Suspirou dramaticamente. — Tu já viste bem as nossas conversas? Estamos mesmo a precisar de sair. De ter uma noite só para adultos.

Antes que tivesse tempo para mostrar o quanto gostaria que essa noite se concretizasse num futuro próximo, foram interrompidas pela entrada do marido de Madalena, que vinha com a camisa ensopada em suor.

— Estou exausto! Já não tenho idade para estas aventuras. Tenho ideia de que no meu tempo os projetos não eram assim tão dinâmicos. Onde está o Chico? — Gaspar inclinou-se para a cumprimentar e beijar a esposa na boca. — Não me digas que ele não veio!

— Boa noite, também se diz — repreendeu Madalena.

— Boa noite, Luz — obedeceu Gaspar, lançando olhares risonhos à esposa. Tal como Luz, Gaspar era apaixonado por Madalena, pela personalidade irascível dela. — Onde está o meu amigo? Queria partilhar com ele a minha nova alegria... — Gaspar soava genuinamente desapontado pela ausência de Chico, o que lhe enterneceu o coração.

Quando Chico era elogiado ou desejado pelos outros, sentia-se orgulhosa por o ter como marido. Lembrava-a do homem especial que a levava a atirar-se de cabeça para uma vida a dois, e agora a três.

— Ficou a terminar um projeto — repetiu, como se consolasse uma criança.

— Nós já estávamos a combinar uma saída os quatro — interrompeu Madalena. — Já vais poder gabar-te à vontade.

Gaspar enrubesceu.

— Eu não me queria gabar — atabalhoou. — Eu só queria mesmo...

— Gaspar! Tu ainda fazes caso de tudo o que ela diz? — interrompeu Luz, com um dedo acusatório a apontar para Madalena. Gaspar relaxou ao deparar-se com um aliado. — Já era tempo de aprenderes a ignorar e a deixá-la falar.

— Estes homens chegam perto dos quarenta anos e é isto! São autênticas crianças. Também sentes, Luz, que o Chico está a entrar na idade do armário?

Concluiu que não, que Chico não parecia estar a entrar naquela idade em que os homens se veem na necessidade de agirem como adolescentes. Chico não saía com os amigos, não gastava dinheiro em carros novos, motos ou apartamentos nas áreas costeiras. Sempre que surgia o assunto das poupanças, vinha à baila o sonho de comprarem a tal moradia. Chico prometeu criar ele mesmo o projeto.

— Ele tem andado muito cansado — conseguiu dizer. Não era mentira, mas também não era pelo motivo que os amigos pensavam. — Onde está o Diogo? Amanhã é dia de escola.

Gaspar prontificou-se de imediato para o ir buscar. Não precisou de percorrer muita distância, pois as crianças irromperam sala adentro entusiasmadas. Gaspar pegou no filho mais novo ao colo, que surgia vindo do corredor que levava ao quarto onde Madalena montou “a sala da diversão”, ou seja, um cómodo só para os filhos brincarem. Gasparzinho tinha quase quatro anos e tentava, em vão, acompanhar o irmão e o filho de Luz na correria.

— Mãe! Já chegaste. — Diogo correu para os braços dela, como se não a visse há uma vida. Luz afagou-lhe os cabelos escuros e espessos. — Olha o que encontrámos!

Diogo empilhou os objetos na mesa de centro e Orlando seguiu-lhe o exemplo.

— Ei, ei! Vá lá, tirem essas porcarias de cima da mesa. Isso está tudo sujo! Não lhes arranjaste um saco ou assim, Gaspar, para eles guardarem esta porcaria e não andarem a sujar a casa?

Gaspar prontificou-se de imediato para ir buscar os sacos à cozinha.

— Vá, meninos, vamos lá guardar os objetos aqui. — Trazia Gasparzinho empoleirado num braço e sacos de plástico transparentes na outra mão.

Luz apreciava a forma terna e paciente como Gaspar lidava com as crianças. Chico já tinha sido assim. O seu marido já perdera tardes inteiras a visitar a própria infância e a partilhá-la com o filho. Se Diogo sabia andar de bicicleta, lançar piões e nadar, era ao pai que devia essas aprendizagens.

— Flexível, este é sólido, este é...

— Resistente — completou Gaspar. — E qual é o teu resistente, Diogo? Isso mesmo!

Diogo lançava uma moeda de cinquenta cêntimos para o saco, orgulhoso por estar a acertar.

— Que trabalho mais estúpido — reclamou Madalena. — Andar a catar lixo para catalogar. Isso tem algum jeito?

— É giro, mãe. A professora diz que é para aprendermos a distinguir os diferentes objetos. Olha, este é o transparente! — Tirou um vidro do saco. — Mas agora o saco também é transparente. Vamos ter dois transparentes, pai?

— Vê lá se não te magoas com isso! — advertiu Madalena, já exasperada pela desarrumação que os rapazes estavam a deixar na sua imaculada sala.

— É seguro. Eu certifiquei-me de que era suficientemente grosso, li-me-os e passei-lhes uma camada de silicone — tranquilizou-a Gaspar,

pousando o filho mais novo no chão para ajudar as crianças a arrumar os objetos.

Gasparzinho reiniciou a sua marcha oscilante. Esquivou-se da mãe, contornou-a para não ser novamente pegado ao colo, mas tropeçou nos próprios pés e acabou por cair ao lado de Luz. Esta lançou-se para a frente, segurando o menino, que se agarrou a ela.

— Quase caías! — exclamou, ressuscitando a sua voz fininha, alegre e própria para evitar que as crianças chorassem.

Era o mesmo tom calmante que usava com Diogo, quando ele era daquele tamanho, e surtiu o efeito desejado: Gasparzinho sorriu, abrindo muito a boca, e gargalhou. Ela sorriu-lhe de volta, contagiada por aquela alegria inocente.

Sentiu um peso sobre si e isso levou-a a curvar-se ainda mais. A criança perdeu o interesse nela e pedia para ser libertada outra vez.

— Mãe! Tenho sono... — Diogo encavalitara-se nas suas costas e deitara a cabeça na curva do seu pescoço. — Vamos embora.

Soltou Gasparzinho e afastou o filho com gentileza para conseguir endireitar-se no sofá, de forma a pegar na bolsa.

— Ai, esse teu filho... — Madalena lançou um olhar divertido a Diogo, que continuava a esfregar o rosto no braço da mãe. — Está mesmo a precisar de ter um irmão.

Diogo parou de se esfregar e fitou Madalena com desdém. Esta riu-se do aborrecimento notório da criança.

— Tanto mimo...! — cantarolou Madalena. — Agora não estou a brincar, Luz. Quando é que pensas em dar a tal menina ao Chico? Aquele homem sonha em ser pai de uma menina desde que o Diogo nasceu. Tens de lhe dar essa alegria, mulher! Lembro-me de estares grávida e de ele jurar que era uma menina. Lembras-te?

— Ele ficou feliz por ser um menino — defendeu, afagando o corpo delgado do filho. Não sabia se falava com Madalena ou com Diogo, que ficara inquieto com aquela conversa.

O filho mostrava-se demasiado atento ao que os adultos diziam, enquanto Orlando já tinha desviado a atenção para a televisão, aproveitando a descontração para ver desenhos animados a uma hora que não lhe era permitido.

— Claro que sim! — asseverou Madalena, que percebia o desconforto da amiga, que aninhava o filho no colo como se fosse mais novo do que realmente era.

Luz sabia o que ela pensava destas atitudes de Diogo e de como também desaprovava as reações que tinha quando o filho se mostrava possessivo em relação a vir a ter de partilhar os pais com um irmão.

— O que interessa é que eles venham com saúde, certo?

Anuiu, evitando pensar muito no olhar desdenhoso que o seu filho dirigia a Madalena, alheado ao que os personagens faziam na televisão sob o olhar atento de Orlando.

— O Chico não quer ter mais filhos? — Madalena pegava em Gasparzinho e tentava aninhá-lo contra si. A criança barafustou e a mãe voltou a soltá-la.

— Não falámos sobre isso ainda — confessou. Acompanhava o pequeno com o olhar, saudosa dos tempos em que Diogo era assim.

Gaspar pegou nele e disse ao filho mais novo para se despedir das pessoas com um “até amanhã”, que saiu aldrabado numa confusão de “nhãs”.

— Enerva-me que ele ainda não fale melhor do que isto! — lamentou-se Madalena. — A médica diz que é normal, que cada criança tem o seu tempo, mas o Orlando falou e andou tão cedo...

Luz voltou a sorrir.

— Ele é perfeito, Madalena. Deixa a criança em paz. Quando menos deres por isso, vai ter uma língua tão afiada como a tua — brincou.

Diogo apertou a mãe um pouco mais e essa foi a deixa dela para se levantar.

— Está na nossa hora — anunciou.

— Esses teus olhinhos... — Madalena quase enfiou o dedo na cara da amiga. Luz desviou-se e não conseguiu evitar sorrir com a infantilidade da amiga. — Tens esse relógio a dar horas, outra vez. Vá lá, façam lá essa menina. Faz o teu marido feliz. Ele merece!

— Vamos ver — deixou escapar.

— Mãe! — Diogo estava no alpendre, de casaco vestido. Puxava-a pela mão com veemência. — Tenho sono. Vamos embora.

3.º Capítulo



— Já é tão tarde! — exclamou, enquanto aconchegava os lençóis em volta do filho. Enfiava as mãos com força e aproveitava para lhe fazer cócegas. Diogo ria e pedia que ela parasse, sem o querer realmente. — Pronto. Já chega. Agora são mesmo horas de dormir. — Beijou-o na testa.

— Amanhã vai ser fixe — comentou Diogo. — Eu e o Orlando encontramos objetos para todas as categorias que a professora queria. E ela disse que se não conseguíssemos preencher todas, para levarmos só duas, pelo menos. *Pelo menos*, mãe! E nós vamos levar *todas*. — Os olhos dele brilhavam de excitação. Aos olhos alheios parecia carregado de energia, porém, Luz percebia que o filho não tardaria a adormecer. Com Diogo era assim, ela simplesmente sabia do que ele precisava, sem mais. Era uma ligação poderosa.

— Boa! — sussurrou, baixando o tom de voz para que Diogo fosse mais facilmente transportado para a sonolência.

— O Gaspar é fixe. Queria que nós completássemos a coleção toda dos objetos. E não aceitava desistências!

— Sim, o Gaspar é muito fixe — concordou, passando-lhe a mão pelo cabelo.

— Mas não gosto da Madalena. É uma chata! — Franziu o sobrolho, tal como Chico costumava fazer. — Não sei como é que és amiga dela. Ela é uma parvinha.

— Então, Diogo? A Madalena é muito tua amiga. Ela gosta muito de ti.

— Mas eu não gosto dela — retorquiu a criança com prontidão,

virando-se de lado na almofada. — Não gosto que ela me chateie, que diga que eu preciso de um irmão. Ela está sempre a gritar com o Orlando por causa do Gasparzinho. Não percebo porque é que o Orlando precisava de um irmão. Ele também é um chato, está sempre a cair e depois é com o Orlando que a Madalena ralha. Não me parece nada justo.

Luz suspirou. Desde que Diogo fizera três anos que toda a gente à sua volta massacrava a criança com a ideia de ter um irmão. Quando se apercebiam de que ao filho não agradava a possibilidade de ver a família crescer, os adultos tornavam-se ainda mais cruéis, apelidando-o de mimado e egoísta. O assunto não era novidade, mas, a cada dia que passava, mais lhe pesava na consciência não pensar na questão com seriedade. Ela queria um segundo filho, não era um sentimento recente, algo fugaz que a acometera nos últimos dias. Queria-o desde que Diogo completara dois anos. Mas depois aconteceu *aquilo*... Abanou a cabeça e afugentou a lembrança. Para ela, ficara decidido que Diogo seria filho único, ainda que ela e Chico não tivessem chegado a esse entendimento de forma pacífica. No entanto, quando vira Gasparzinho a aninhar o rosto pequeno e indefeso no pescoço do pai, a saudade daqueles toques ternos e carentes de amor batia com força. E a nostalgia já vinha a dar ares da sua graça desde há uns meses. Revivia com intensidade os cheiros, as sensações, as peripécias de um Diogo pequeno em cada local aonde ia, e que fora com ele um dia, a cada objeto que tocava, e que fora tocado nesse passado que parecia tão distante. Era como se fosse magia a atuar sobre ela, a direcioná-la para a aceitação de uma vontade que não sabia que tinha. Já não. E, agora que considerava essa possibilidade com alguma relutância, percebia que o tempo urgia. Faria trinta e seis anos no presente ano e era uma realidade dura que lhe custava a engolir: as mulheres terem um prazo de validade.

— Mas o Orlando não gosta do irmão? — perguntou. Sabia a resposta de antemão, mas queria ouvi-la da boca de Diogo.

O filho não respondeu.

— O Orlando gosta muito do irmão — respondeu na vez de Diogo. — Até tu já deves ter reparado nisso. Não reparaste?

Diogo aconchegou-se nos lençóis, evitando dar uma resposta que não sustentaria a sua teoria.

— Pronto, deixa lá o Orlando e o Gasparzinho, que são horas de dormir! — Com tempo, trabalharia mais na aversão de Diogo à ideia de ter um irmão. Tinham passado quase quatro anos desde aquele dia. Diogo crescerá. Talvez fosse possível perceber um futuro diferente para a sua família.

Voltou a beijá-lo no topo da cabeça, passando os dedos pelos cabelos sedosos do filho.

— Eu não sou o Orlando — constatou Diogo muito rápido. — E não quero ter um irmão. Tu disseste que eu não ia ter um irmão, que não precisavas de mais nenhum filho.

Luz ficou petrificada com o que acabara de ouvir. Eram palavras suas, reconhecia-as, mas que remontavam aos primeiros comentários mordazes de ter um segundo filho num período da sua vida que preferia esquecer. Havia sido proferidas numa altura em que o filho de três anos lhe proporcionara um episódio digno de um filme de terror. Sim, terá respondido assim, e Diogo lembrava-se.

Fitou-o com atenção, num tenso jogo do sério. Diogo forçava-a a dar-lhe uma resposta e ela não sabia o que lhe responder, porque a convicção de outrora já não vigorava com o mesmo fervor. Via-se a enveredar pelo redemoinho de emoções que a memória daqueles dias, em que acreditara piamente no que dissera a Diogo, impunha.

— Ups! — Tirou uma pestana da bochecha de Diogo com os dedos indicadores em pinça. — Olha só o que encontrei! Este desejo já nos ia fugir. Pede lá um desejo. Vá lá! Cima ou baixo?

Diogo hesitou, ciente de que a mãe desviava propositadamente o assunto. Mas logo acedeu à brincadeira, que se tornara numa coisa especial entre eles.

— Cima — disse.

Descolou os dedos, que seguravam a pestana fugidia. Esta pendia no dedo que ficava por cima. Aproximou-a do rosto do filho, que lhe soprou.

— O que pediste? — segredou, beijando-o pela milésima vez.

— Se te contar, não se realiza — lembrou. — Boa noite, mamã.

Encostou a porta do quarto e percorreu o corredor até ao escritório. Bateu uma vez e, como não obteve resposta, abriu-a. Chico continuava absorto na *Playstation*, com os *headphones* postos e os olhos ávidos cravados no ecrã. Nele, um monstro meio arroxeadado empunhava um machado maior do que a própria cabeça, vergastando tudo em redor. O marido estava com o tronco inclinado, com o peito próximo do comando, e os polegares dançavam no *joystick*. Ainda não dera pela presença dela.

— Chico — chamou, num sussurro.

Ele continuava dentro daquele mundo a que, pelo que ela percebia, se juntara mais alguém, um amigo que o estava a ajudar. Chico dizia “vai, vai”, e Luz pressionou a cana do nariz com os mesmos indicadores que há

minutos tinham acalentado a imaginação sonhadora do filho, levando-o a crer que uma pestana caída lhe realizaria desejos. Não queria pensar no que Diogo teria desejado. Por sua vez, Chico dedicava-se com afinco à sua demanda, ordenando a alguém que fosse “pelo outro lado”, com uma autoridade que lhe dizia que ele tinha algum poder ali.

Não sabia porque é que continuava ali parada, à espera, porque é que aguardava que ele terminasse o que raio estava a fazer, mas mudou o peso de um pé para o outro, paciente. Ele viu-a e, com os olhos esbugalhados, pediu-lhe que aguardasse um momento.

Não era exatamente o que ela estava a fazer há já alguns minutos?

— Chico — voltou a chamar. Ele ficou tenso. Foi como se ela tivesse entrado dentro do jogo e se tivesse empoleirado nas costas do bicho — que era ele — e o estivesse a impedir de combater. — Chico!

Falou alto de mais e arrependeu-se de seguida, porque Diogo dormia a poucos metros. Sentiu um rubor a subir-lhe às faces. Deu mais um passo para o interior do escritório e foi nesse momento que o seu marido bateu com o comando no colo, apertou um botão nos *headphones* — a colocá-la em silêncio para os demais jogadores — e a enfrentou, como se ela fosse aquele inimigo merdoso, com chifres e espadas de samurai, com quem ele se estava a bater.

— Diz — atirou, lançando uns quantos perdigotos nervosos para o chão à sua frente. — O que foi?

O coração dela saltou um batimento. Compôs-se, constrangida.

— Hã... hum... Não queres ver um filme comigo?

Ele ergueu ambas as sobrancelhas, surpreendido, apanhado de surpresa, como se Luz o encurralasse num beco sem saída e ele tivesse de optar entre viver ou morrer. Aquela expressão, que ela lia tão bem, fê-la sentir-se estúpida.

Chico olhou para o jogo e depois para a mulher. Seguidamente de volta para ela. Passou as mãos pelo próprio cabelo, negro como as asas de um corvo, da mesma cor do de Diogo.

— Eu... hum — titubeou Chico.

— Se não quiseres, não faz mal — asseverou. Porém, a voz traía-a, soando piedosa contra a sua vontade.

Na verdade, era assim que se sentia: diminuída. O convite funcionara bem na sua cabeça e teria sido transmitido de forma corriqueira, em que qualquer das respostas possíveis teriam sido aceites com o mesmo agrado. Imaginou que entraria e num segundo sairia. Aquela tempo em que esteve

a aguardar transformou tudo numa estupidez pegada, levando Chico a ser hostil. Será que ela devia ter visto que ele estava ocupado ou ele é que podia ter-lhe dado logo a atenção necessária? Se alguma das alternativas tivesse ocorrido, não estaria a afundar-se em autocomiseração. Preferia não ter a certeza de que havia ali, em Chico, um conflito de interesses sobre a forma como o marido preferia passar o serão.

— Porque é que não vais indo escolher o filme? Eu não demoro — sugeriu ele, forçando cada palavra a sair-lhe da boca.

Lembrou-se do mantra com que se martelava as crianças, desde o momento em que elas tinham idade para separar o certo do errado: “Optar pelo que é mais correto.” Parecia que Chico se esforçava, naquele momento, por contrariar uma vontade dentro de si, por “optar pelo que seria mais correto”. Luz repreendia-se, mais uma vez, pela situação em que se colocara, que a obrigava a constatar um cenário que se esforçava por não ver.

Deitou-se no sofá e fez *zapping*. Selecionou um filme contemporâneo, que esperava que fosse do agrado dos dois, e aguardou. Não deu por adormecer.

O frio entranhara-se-lhe na pele, atravessando a camisa de dormir. Erguera-se para puxar os cobertores e fora aí que percebera que ainda estava no sofá. A televisão entrara em modo de descanso.

Abriu a porta do escritório. Chico não se voltou para falar com ela.

— Desculpa, querida. Eu já vou, já não falta muito para acabar — explicou o marido. — Estamos numa missão complicada e eu não posso deixar os meus parceiros na mão. Não posso sair assim, sem mais nem menos. Se eu sair agora, tudo o que andámos aqui a fazer desde as sete e meia da noite vai por água abaixo. Tu entendes, não é?

Puxou a porta para si, voltando a colocar-se do lado de fora do escritório. Viu as horas no relógio da cozinha. Passavam dez minutos da uma hora da manhã.

Os ombros pesavam-lhe, como se tivesse também alguém encavalitado nas costas. Desistiu da televisão. As horas não a convidavam a enveredar sozinha num filme. Além disso, viu-se sem paciência para assistir a vidas encenadas, a armadilhas colocadas de propósito para piorar a vida dos protagonistas. Seja como for, pelo menos essas rasteiras teriam substância, força social para serem apelidadas de problemas. Quanto a si, não sabia sequer o que chamar àquela letargia em que a sua vida se tinha transformado.

Deitou-se na cama, escurecendo o ambiente todo à volta. Esticou o pé, à semelhança do que o filho fazia para adormecer, e tocou no frio.

Esfregou-o, para cima e para baixo, consciencializando-se da ausência do marido ali ao lado, todas as noites.

Não se lembrava da última vez em que ele se deitara com ela ao mesmo tempo e haviam sintonizado o sono. Quando é que tinham feito amor pela última vez? Passara perto de um mês. E antes disso? Três meses, parecia-lhe.

Um arquejo queria libertar-se, mas reprimiu-o. Alojou mais um pedacinho de piedade no peito, que já doía que se fartava.